

Outras Ondas – Cinquenta Anos do Golpe Militar: histórico, repressão e resquícios¹

Letícia Alves CHAGAS²
Ana Beatriz Farias de OLIVEIRA³
Átala de Oliveira SOUZA⁴
Larissa Wenya Sousa ALCÂNTARA⁵
Messias Vasconcelos BORGES⁶
Victor Igor Amaral CAVALCANTE⁷
Raimundo Nonato de LIMA⁸
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O produto *Outras Ondas - Cinquenta anos do Golpe Militar: histórico, repressão e resquícios* foi realizado na disciplina de Radiojornalismo I, no quarto semestre da grade curricular do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Trata-se de um documentário radiofônico composto de três programas de rádio, que discutem o tema “Ditadura Militar no Brasil” através de três perspectivas: o contexto histórico da época; as repressões, censuras, torturas e crimes cometidos; e os resquícios que a atualidade ainda traz daquele período. Cada programa tem cerca de 30 (trinta) minutos, que foram produzidos para marcar os 50 anos do Golpe Militar de 1964. No total, 11 pessoas foram entrevistadas – entre historiadores, jornalistas, artistas, advogados, estudantes e ex-presos políticos –, e ajudaram a construir a narrativa dos programas.

PALAVRAS-CHAVE: ditadura militar; histórico; repressão; resquícios; rádio documentário.

INTRODUÇÃO

O programa *Outras Ondas - Cinquenta anos do Golpe Militar: histórico, repressão e resquícios* foi realizado na disciplina de Radiojornalismo I, no quarto semestre da grade curricular do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). O tema *Cinquenta anos do Golpe Militar* foi escolhido devido à efeméride – 50 anos do ano do golpe –, o que permitia que a temática fosse abordada não somente a partir do viés histórico, mas também do jornalístico.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade: 01 Programa laboratorial de áudio – avulso ou seriado.

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: leticiaajornalista@gmail.com.

³ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: biafarias@grupopentecostes.com

⁴ Estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: atalasouza@gmail.com

⁵ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: larissawenya@gmail.com

⁶ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: messiasb20@gmail.com

⁷ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: victorigorac@gmail.com

⁸ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, e-mail: nonatolima@uol.com.br

Além disso, a atualidade da Ditadura Militar no Brasil – mesmo que já acabada há 30 anos – é inquestionável. Os resquícios que deixou na sociedade perpassam as gerações – é esta perspectiva que nós defendemos e que nos levou a produzir este produto radiofônico. Antes de tratar sobre a relevância do tema, é importante resgatar, mesmo que de maneira superficial, este período histórico.

A Ditadura Militar no Brasil durou cerca de 20 anos, entre 1964 e 1985, sendo um período de fundamental importância para a compreensão, entre outras coisas, da política e imprensa atuais. Talvez por isso seja tema de recorrentes estudos, nas escolas e universidades, além de permanecer firme nas lembranças e mentes da maioria dos brasileiros.

O período ditatorial teve início a partir de um golpe de estado, praticado pelos militares contra o governo de João Goulart, por este ser considerado comunista. O chamado por alguns de *Golpe Militar* e por outros de *Revolução* aconteceu no início do mês de abril, depois de um discurso inflamado do então presidente prometendo reformas de base.

No dia 15 de abril de 1964, Marechal Castelo Branco recebe a faixa presidencial sem ser escolhido por eleições diretas: começa oficialmente a Ditadura do Brasil. A promessa era de que ficaria no poder somente até resolver os reais problemas econômicos vividos pelo País na época e expulsar todo perigo de algum golpe comunista ser instaurado.

Inicialmente, a economia do País foi, de fato, melhorando, e várias ações de crescimento e modernização foram implantadas pelos governos ditatoriais. O “milagre econômico”, entretanto, não durou muito, pois as várias medidas ditatoriais sancionadas através de cinco atos institucionais causaram o caos internamente no Brasil, o que acabou se refletindo na economia do País.

Esses atos institucionais – dos quais o pior foi o AI-5 – tornavam a censura, tortura, repressão e várias prisões e outros atos de autoritarismo legais perante a lei. “Muito se perdeu nesses 20 anos de regime, a produção cultural e artística, a intelectualidade brasileira, o movimento estudantil e a possibilidade de transformação da sociedade para melhor foram totalmente sufocadas, reprimidas” (CHAFFE, 2009).

A insatisfação tomou conta da população, que começou a se organizar e foi às ruas entre os anos de 1984 e 1985 reivindicar liberdade. O movimento ficou conhecido como *Diretas Já!* e chegou a reunir mais de 400 mil pessoas em uma só manifestação.

A partir desse momento, o País começou a passar por um período de redemocratização. De acordo com Wasserman (2004 apud CHAFFE, 2009), vários fatores influenciaram a derrocada do regime militar: a divisão das forças armadas, o fim do *Milagre Econômico*, e, principalmente, essas manifestações – movidas pelas denúncias dos vários crimes cometidos pelos militares.

Em 1988, uma nova constituição foi escrita, e, no ano seguinte, a primeira eleição direta após a redemocratização foi realizada. O Brasil podia, finalmente, viver em liberdade. Será? É isto que o documentário apresentado neste trabalho quer discutir: quanto das dores sentidas naquele período permanece ainda na mente e na vida dos brasileiros? Quanto das censuras sofridas pelos artistas, jornalistas, intelectuais e políticos ainda são endossadas na sociedade atual? Quanto do autoritarismo a política atual ainda traz?

OBJETIVOS

A nossa equipe tinha, ao produzir estes programas, o *objetivo geral* de atualizar os fatos e as discussões que envolvem o período da Ditadura Militar no Brasil, e *objetivos específicos* de:

- Resgatar o contexto histórico que antecede o Golpe Militar de 1964, a fim de tentar compreender o que ocasionou o fato;
- Entender como se deu especificamente o Golpe Militar de 1964: quem estava diretamente envolvido, em qual dia ele aconteceu;
- Conhecer as consequências deste Golpe na época e atualmente: quais os resquícios que a sociedade brasileira ainda traz dos tempos da Ditadura Militar?
- Publicar os vários tipos de violência praticados no período, através de torturas, prisões, assassinatos, mortes, censuras e repressões;
- Trabalhar o tema a partir de uma linguagem mais narrativa, que aproxima-se do documentário radiofônico;
- Aprender a produzir um produto radiofônico, através do estudo de linguagem, roteiro, locução, reportagem e edição.

JUSTIFICATIVA

A relevância deste documentário radiofônico é determinada pela grande relevância do tema sobre o qual ele se debruça. A Ditadura Militar no Brasil, como já foi dito, não foi apenas uma época importante da história do País que passou sem deixar nenhum vestígio ou mesmo sem influenciar nas atitudes e pensamentos – além de nos sonhos e medos – da sociedade.

A Ditadura Militar permanece. É extremamente atual e nunca deve ser tratado como passado, simplesmente – as marcas de quem sofreu durante este período histórico permanecem em forma de cicatrizes, traumas, pesadelos constantes. Ruas com nomes de ditadores também permanecem as cidades, assim como escolas e universidades, tão atacadas na época. Jornalistas que exerceram a profissão durante aqueles tempos ainda refletem bem antes de publicar uma notícia – a censura dos militares transformou-se, em muitos casos, em autocensura. O País ainda é regido por leis sancionadas na época.

A ditadura permanece. De acordo com Mota, Reis e Ridente na introdução do livro “A Ditadura que mudou o Brasil” (2014), lançado também em lembrança aos 50 anos do Golpe:

Em que pese essa constatação sobre o distanciamento temporal, os temas relacionados ao golpe e a ditadura continuam plenos de atualidade, de vez que alguns aspectos de seu legado seguem nos interpelando e permanecem a espera de soluções satisfatórias: o autoritarismo que continua a impregnar certas relações sociais; a democratização incompleta do Estado e da sociedade, parte dela ainda incapaz de exercer a cidadania plena; os níveis elevados de violência social e policial que nos assolam; as desigualdades sociais (de renda, educação, acesso a Justiça) extremas que ainda caracterizam a paisagem brasileira. Seria um equívoco atribuir à ditadura a responsabilidade pelo surgimento de tais problemas. Eles fazem parte das estruturas da nossa sociedade há muito tempo. No entanto, o golpe interrompeu um processo político que poderia ter levado ao enfrentamento de algumas dessas questões, já que segmentos populares estavam se organizando e demandavam sua inclusão política e social. Mais ainda, as políticas implantadas pela ditadura contribuíram para agravar sobretudo as desigualdades estruturais da sociedade brasileira. A atualidade da ditadura deve-se também ao impacto duradouro, portanto, ainda visível entre nós, das políticas de modernização implantadas naqueles anos (...). (p. 7).

Além da relevância da temática do trabalho, que – repete-se – por si só já é imensa e inquestionável, o documentário radiofônico em questão é um bom material de informação e pesquisa, além de uma forma prática e simples de se informar sobre este período histórico. Pois, além de ter uma linguagem bastante coloquial e acessível, tem o formato de relato de histórias, que deixa os programas bem mais atraentes.

O produto traz ainda entrevistas com onze personalidades – entre historiadores, jornalistas, advogados, artistas e ex-presos políticos – que podem contar com propriedade como foi, de fato, o período, a partir de estudos e, sobretudo, da experiência pessoal.

Por estas razões, principalmente, o *Outras Ondas - Cinquenta anos do Golpe Militar: histórico, repressão e resquícios* foi reconhecido pela Universidade Federal do Ceará e veiculado na Rádio Universitária, emissora radiofônica da UFC.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O documentário radiofônico, dividido em três programas, *Outras Ondas - Cinquenta anos do Golpe Militar: histórico, repressão e resquícios* foi produto de um trabalho final da disciplina de Radiojornalismo I, ministrada pelo professor Nonato Lima. Produzido por uma equipe de seis pessoas, conforme orientação do professor, das quais a maioria nunca tinha tido contato com a linguagem de rádio.

Foi sugerido um tema com relevância para a sociedade, que tivesse como ser aprofundado em três programas de pelo menos 20 minutos cada. Era um grande desafio, sobretudo pela inexperiência de toda a equipe com as etapas de produção de um programa de rádio. A equipe chegou a um consenso sobre o tema que queria abordar – os 50 anos do Golpe Militar no Brasil –, mas antes precisava aprender o básico: linguagem radiofônica, produção de roteiro, locução, reportagem, edição.

De acordo com Falsiani, Jimenez, Rinaldi e Tavares⁹, em um pequeno módulo básico sobre a linguagem para rádio, não dá para determinar ao certo o perfil dos ouvintes de rádio, diferentemente do que ocorre com a televisão. Por conta dessa indefinição, “faz-se necessário que o redator escreva o texto numa linguagem acessível a todos os níveis de

⁹ A citação é referente a um módulo de estudos da comunicação organizado pela Prefeitura de São Paulo e não há data especificada. O módulo está disponível em:
<<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/educom/Documents/Midioteca/Conteudo/Formato%20Texto/roteiros.pdf>>

cultura e escolaridade. Trocando em miúdos, deve-se escrever de forma compreensível para toda e qualquer pessoa, ou seja, da forma mais simples e coloquial possível” (p.1).

Ou seja, por ser oral, a linguagem de rádio deve ser sempre coloquial, de forma que facilite a compreensão de quem está escutando, muitas vezes, enquanto dirige, cozinha, faz uma refeição e, até mesmo, lê alguma outra coisa. Além disso, qualquer coisa que cause ruído na comunicação deve ser evitada: gíria, jargão, cacofonia, frases intercaladas, linguagem indireta. A linguagem radiofônica deve se aproximar da linguagem de uma conversa, mas com o cuidado de não ser informal demais.

Conhecendo o tema e a linguagem, ainda era necessário decidir em qual gênero o trabalho seria feito. De acordo com Barbosa Filho, no livro *Gêneros Radiofônicos* (2003), as produções em rádio podem ser divididas em sete gêneros: jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e gênero especial. Para ele, os gêneros estão determinados “em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas da audiência” (p. 89).

Do gênero jornalístico, descreve 14 formatos, entre eles o de documentário jornalístico. De caráter mais aprofundado, que não se limita a noticiar fatos e vale-se de análises e retomadas históricas, este era o formato perfeito para tratarmos o tema da Ditadura Militar. Sobre o radiodocumentário, a jornalista Magaly Prado, fala que “ele aborda um determinado tema em profundidade e baseia-se em pesquisa de dados e de arquivos sonoros reconstituindo ou analisando um fato importante” (2006 apud PASSINI LUCHT, 2009).

Uma dúvida que permeou toda a produção do documentário, entretanto, era a veiculação. Nós não tínhamos certeza se ele iria ser veiculado na Rádio Universitária e pretendíamos divulgá-lo na internet também, nas redes sociais, além de disponibilizarmos os arquivos para download. Há diferenças entre o documentário de rádio que é veiculado em rádios normais e na internet?

De acordo com Mágda Cunha, professora Radiojornalismo, mestre em Comunicação Social e coordenadora do curso de Jornalismo da Famecos/PUCRS, a maior diferença está no tempo (2004). Com o advento da Internet, a informação está chegando de forma cada vez mais personalizada às pessoas: elas mesmas vão atrás das informações e constroem as

notícias, através de links e janelas. No caso das rádios na web, pausam, voltam, param, trocam e baixam o quanto quiserem.

Outro grande desafio para a nossa equipe apresentava-se: não podíamos diminuir o tempo. A alternativa foi deixar a linguagem e o formato ainda mais atraente. Então decidimos falar do Golpe Militar como quem conta uma história e conversa de verdade com o ouvinte, e construir a narrativa como uma espécie de “relatos de vida” dos entrevistados.

Além disso, o menor tempo no rádio na Internet não é regra. Mesmo admitindo que o tempo no rádio pode mudar por causa da web, Cunha afirma que:

Cada vez mais, o jornalismo se encaminha para o aprofundamento dos fatos, a análise, a reconstrução do contexto dos acontecimentos. O velho hábito de fazer com que o fragmento fale pela totalidade pode cair em desuso, especialmente pelo crescente número de possibilidades em diferentes tempos de oferta. (2004, p. 18).

DESCRIÇÃO

O radiodocumentário *Outras Ondas - Cinquenta anos do Golpe Militar: histórico, repressão e resquícios* foi, como já dito, dividido em três programas de rádio, com média de tempo de 20 minutos cada. O nome *Outras Ondas* não foi escolhido pela equipe, pois este programa já existia na Rádio Universitária, para, todos os semestres, veicular os trabalhos dos alunos da disciplina de Radiojornalismo I.

A nossa equipe de seis alunos escolheu o tema que queria tratar e decidiu dividi-lo em três vieses, que seriam as temáticas principais de cada programa. O primeiro programa tratou do contexto histórico da época, quais condições teriam levado ao Golpe e quais as primeiras consequências dele. Além de introduzir o tema aos ouvintes, este primeiro também tinha que explicar a proposta, dizer que seriam três programas tratando do mesmo tema.

Por ser o primeiro, foi o mais difícil de produzir. A equipe inteira era inexperiente em rádio, e todos queriam aprender como funcionava esse processo de produção de um programa. Por isso, foi decidido que todo o mundo faria um pouco de tudo. Com exceção do roteiro, que, nos três programas, foi escrito por uma só pessoa, a produção, contato com entrevistados, entrevistas, acompanhamento da gravação... Foram feitos por todos.

No primeiro programa, entrevistamos três pessoas: o historiador Airton de Farias, o Coronel Dias e o estudante Aurísio Cajazeira – um historiador, um militar e um estudante que sofreu repressão. Cada um com um envolvimento diferente com o período histórico.

No segundo programa, tratamos das formas de repressão sofridas na época. A censura, as prisões, as torturas. Para isso, entrevistamos cinco pessoas. A professora universitária Cida de Sousa – que fala como professora de história e como estudante na época da ditadura –, o historiador Airton de Farias, o jornalista Tom Barros, o artista Augusto Mota e o advogado e ex-presos político Benedito Bezerril. Neste, já estávamos mais treinados, mais prontos para entrevistar mais pessoas e construir um roteiro mais plural.

No terceiro, falamos dos resquícios que a Ditadura deixou na sociedade brasileira. Entrevistamos quatro pessoas: O criador da Associação 64/68, Mário Albuquerque; o presidente da Comissão da Verdade das Universidades do Estado do Ceará, César Barreira; o integrante do Coletivo Aparecidos Políticos, Marquinhos; e o ex-presos político Oswald Barroso.

Neste último, já estávamos mais preparados e seguros quanto à produção de um radiodocumentário – além de orgulhosos do resultado. Problemas dos outros dois, como a assinatura depois de cada relato, foram resolvidos. Além disso, também tivemos que gravar ao vivo, por conta da disponibilidade do estúdio: sem possibilidade de erros. A experiência adquirida nos outros dois foi essencial para que desse certo.

Ana Beatriz Farias de Oliveira e Messias Vasconcelos Borges foram os locutores dos dois primeiros programas, e ela e o Victor Igor Amaral Cavalcante no último. A mudança aconteceu por conta de imprevistos com o outro locutor. Letícia Alves Chagas foi responsável por escrever os três roteiros, além de editar – junto com o técnico de rádio da Universidade – o material.

Larissa Wenya Sousa Alcântara fez a sonoplastia e é a dona da voz que narra o “Em instantes, Outras Ondas” do início dos programas. Átala de Oliveira Souza fez entrevistas e atuou na produção do programa, com o contato prévio com os entrevistados e feitura de pautas, assim como todos os outros cinco integrantes da equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do *Outras Ondas - Cinquenta anos do Golpe Militar: histórico, repressão e resquícios* foi enriquecedora em todos os sentidos para toda a equipe. Inicialmente, porque representou o primeiro contato com o rádio para todos nós, o que foi essencial para a quebra de muitos preconceitos e receios acerca desse suporte de comunicação.

O preconceito de que o rádio é um meio ultrapassado e simplório não tem como não cair por terra depois de uma experiência como esta. Firme, o rádio permanece no dia-a-dia de muitos brasileiros, mesmo após o advento de outros meios de comunicação. Esses outros meios, aliás, não só não assassinam o rádio, como o absorvem: o que dizer do nosso radiodocumentário que está publicado em diversos endereços eletrônicos?

Plural e multiforme, nunca simplório. A quantidade de possibilidades de produzir um programa radiofônico chega a ser assustadora. Isso soubemos não só pelos estudos que fizemos para escolher um gênero e formato para trabalhar, mas pela própria atividade na disciplina. Das três equipes que se formaram, a nossa produziu um documentário, outra produziu um programa estilo podcast, e a outra produziu um jornal. Formatos diferentes, um só suporte.

Por fim, arriscar-se em meios desconhecidos parece assustador, mas muitas vezes é surpreendentemente bom. Isto resume a produção do *Outras Ondas - Cinquenta anos do Golpe Militar: histórico, repressão e resquícios*, produto feito por estudantes curiosos, corajosos e inexperientes, mas que conseguiram, nessa primeira experiência com o rádio, fazer um bom trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

CHAFFE, Bruna A. **A Ditadura Militar no Brasil e o controle da informação: relatos de censura nas bibliotecas da UFRGS.** Porto Alegre: 2009.

CUNHA, Mágda. **O tempo do Radiojornalismo: a reflexão em um contexto digital.** In: **Estudos em Jornalismo e Mídia.** São Paulo: Vol. 1, Nº 1, 2004. P. 10-19.

FALCIANO, Flávio; JIMENEZ, Márcia C.; RINALDI, Maria L.; TAVARES, Renato. **Roteiros: falando e escrevendo para rádio.** In: **Íntegra do Tópico Roteiros: falando e escrevendo para o rádio.** Disponível em:

<<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/educom/Documentos/Midiateca/Conteudo/Formato%20Texto/roteiros.pdf> > Acessado em: 25/05/2015

MOTTA, Rodrigo P.; REIS, Daniel A.; RIDENTI, M. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964.** São Paulo: Ed. Zahar, 2014.

PASSINI LUNCH, Janine M. **Os gêneros jornalísticos no rádio.** Paraná: Intercom, 2009.

PRADO, Magaly. **Produção de rádio: um manual prático.** Rio de Janeiro: Elsevir, 2006.

WASSERMAN, Cláudia. **O império da segurança nacional: o Golpe Militar de 1964 no Brasil.** In: **Ditaduras militares na América Latina.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. P. 27-43.